

Safrá 2006/2007

Os preços da crise

José Sidnei Gonçalves*

QUAL é o preço que afeta mais a agropecuária brasileira?

A crise atual da agricultura é debitada à valorização da taxa de câmbio da moeda brasileira desde a metade de 2004. Em maio de 2006, a taxa de câmbio estava no patamar de R\$ 2,25/US\$, em valores similares aos verificados nos primeiros meses de 2001 e sempre superiores aos de todos os meses de 2000.

Nos últimos doze meses, as *commodities* agropecuárias tiveram incremento nos preços internacionais em percentuais mais expressivos em relação à queda do câmbio.

Nos produtos com preços internacionais crescentes, há uma redução dos impactos da taxa de câmbio nos preços expressos em moeda nacional. Em contrapartida, naqueles em que os preços externos se mantiveram ou recuaram, há sensível redução dos preços internos.

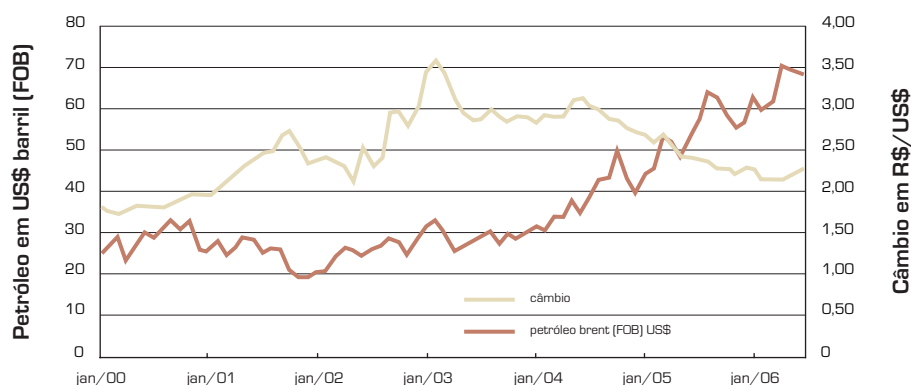
Nesse sentido, não há uma crise generalizada da agropecuária brasileira mas, sim, em segmentos como soja e algodão. Já para outros, como os oriundos da transformação da cana para indústria, a realidade revela dinamismo e expansão.

Se a taxa de câmbio atual estivesse em patamares muito mais elevados, o ritmo do avanço canavieiro seria muito mais intenso, com distorções estruturais mais pronunciadas na ocupação do espaço.

Petróleo

Como o câmbio não explica toda a crise da agropecuária, há que aprofundar a análise para verificar o significado de outros preços sobre a sua renda. As megalações de grãos e fibras são intensivas em mecanização e no uso de insumos. Loca-

Preços internacionais do petróleo tipo brent e da taxa de câmbio
Valores constantes de dezembro de 2004 deflacionada pelo IPCA do IBGE



Fonte: IPEADATA e Banco Central

lizadas no cerrado, há enormes distâncias a serem percorridas até os portos.

A demanda é alta em derivados de petróleo, com preços em ascensão, como no diesel nas operações da maquinaria no campo e no transporte rodoviário e em alguns fertilizantes e defensivos usados com grande intensidade.

A simples comparação entre os comportamentos dos preços internacionais do petróleo e da taxa de câmbio mostra um aumento mais expressivo para a *commodity* em comparação à valorização da moeda brasileira. A queda na taxa de câmbio do dólar não compensou o impacto nos custos agropecuários da majoração dos preços do petróleo.

Assim, fica nítido um componente estrutural da atual crise dos grãos e fibras que não será solucionado pela desvalorização cambial. Se mantidos os preços do petróleo em patamares elevados, as

pressões de custos serão muito mais expressivas.

No caso da soja, os preços do farelo e do grão seguem tendências similares. Até os primeiros meses de 2001 havia enorme coincidência entre as trajetórias da taxa de câmbio e dos preços internacionais. Depois, enquanto os preços continuaram em patamares similares até setembro de 2003, ocorreu progressiva desvalorização da moeda brasileira até a metade de 2004, com elevação os preços em moeda nacional obtidos nas exportações de soja.

No segundo semestre de 2004, os preços da soja caem e ficam pouco acima dos patamares históricos até junho de 2006. Entretanto, o recuo da taxa de câmbio valoriza a moeda brasileira e provoca queda dos preços obtidos pelos exportadores nacionais.

Há similaridade tanto dos patamares da taxa de câmbio quanto dos preços da

soja (farelo e grão), quando se compara o início da série (janeiro a dezembro de 2000) ao seu final (setembro de 2005 a junho de 2006). Como as exportações brasileiras avançam exatamente do início de 2001 em diante, fica nítido que o *boom* exportador da soja ancorou-se na desvalorização cambial.

A paridade entre os preços do petróleo e da soja no mercado internacional mostra que, de janeiro de 2000 a setembro de 2003, cada tonelada de soja comprava de 6 a 8 barris de petróleo, com variação em torno do mesmo patamar.

Na soja, quando seus preços internacionais avançaram entre setembro de 2003 e maio de 2004, o indicador de paridade dá um salto. Uma tonelada passa a comprar mais de 10 barris de petróleo. Desde então, a queda abrupta dos preços internacionais faz a paridade recuar até o segundo semestre de 2004. O aumento dos preços do petróleo ajudou arrastar para baixo a paridade. Em junho de 2006, uma tonelada de soja comprava 3 barris de petróleo, ou seja, menos de um terço da época de altos preços internacionais dessa leguminosa e também menos da metade da média verificada no período até setembro de 2003.

Como a elevação dos preços do petróleo impacta de maneira decisiva os custos de produção e transporte da soja, gera um componente estrutural negativo para a competitividade da lavoura nos cerrados.

No açúcar, após crescimento de seu preço entre janeiro a setembro de 2000, eles recuam de forma persistente até alcançar o patamar inicial em maio de 2003. Dessa data até março de 2004, apresenta novo movimento de aumento e diminuição. De abril de 2004 a junho de 2006, entretanto, ocorre um significativo movimento de alta, que triplicam os preços.

Enquanto o preço internacional do açúcar estava em patamares menores, a desvalorização cambial garantiu preço expresso em moeda brasileira mais remuneradora para os exportadores nacionais. Quando ocorre o período de valorização, o preço valoriza-se e mais que compensa as perdas com o câmbio.

No caso do algodão em pluma, a realidade se mostra oposta, muito similar à verificada com a soja. Seus preços internacionais variaram em torno do mesmo patamar em todo período, inclusive concatenados à taxa de câmbio. Recuaram de janeiro de 2001 a outubro de 2002 quando a taxa de câmbio se elevou. Houve ligeira convergência de alta das duas taxas de novembro de 2002 a maio de 2003 e, quando o câmbio se estabilizou até maio de 2004, os preços internacionais apresentaram acréscimo. Quando se verifica a valorização cambial até junho de 2006, os preços recuaram para seus patamares históricos e mantiveram um consistente padrão de estabilidade.

Mais uma vez, o câmbio sustentou preços remuneradores aos exportadores brasileiros de algodão no período de janeiro de 2000 a maio de 2004. Entretanto, ao contrário do açúcar, seus preços internacionais não cresceram de forma a compensar a valorização cambial.

A comparação da paridade dos preços internacionais do açúcar e da pluma de algodão com os do petróleo mostra comportamentos muito distintos em termos de trajetória, em especial no período posterior a maio de 2004, quando ocorre a valorização da moeda brasileira. A paridade dos preços do algodão em pluma, mantidos no mesmo nível, despencou em

relação aos preços do petróleo em elevação de forma significativa. Já a recente recuperação dos preços internacionais do açúcar elevou os indicadores de paridade. Com isso, as lavouras canavieiras não sofreram os impactos dos maiores preços dos combustíveis na rentabilidade econômica, com receitas superiores aos verificados nos custos operacionais de produção e transporte.

A questão crucial está em observar que, após a adoção da política de câmbio flutuante, de janeiro de 1999 em diante, até maio de 2004, a desvalorização cambial permitiu a obtenção de preços remuneradores e tornou atraentes os investimentos e a expansão de plantios, mesmo quando os preços internacionais não eram tão favoráveis.

Em certo momento, quando os preços internacionais das *commodities* agropecuárias aumentaram, a partir do segundo semestre de 2002, houve a convergência do clima de euforia. Uma sensação de que em poucos anos a agropecuária brasileira seria incontestável líder mundial na produção de grãos e fibras.

Vilão

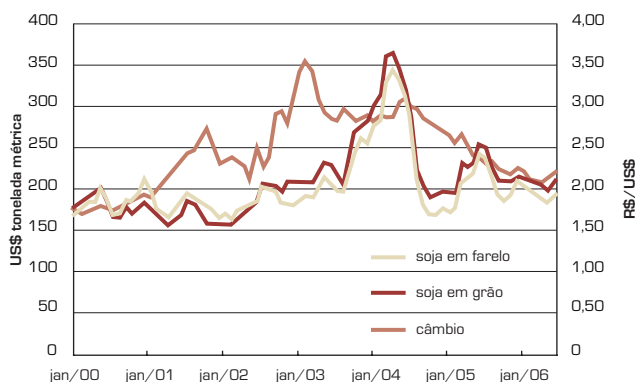
Por sua vez, as sucessivas securitizações das dívidas dos agropecuaristas, realizadas desde a metade dos anos 1990, e a absorção de parte dos ônus pelo Tesouro

Variação % dos preços das commodities nos mercados futuros

Commodities	Mercado	Julho de 2006	Acumulado 2006	Acumulado 12 meses
Açúcar	NY	3,49	16,33	68,24
Algodão	NY	-1,73	-0,22	2,32
Café arábica	NY	1,53	-0,54	-4,25
Café robusta	Lo	8,01	10,21	7,06
Cacau	NY	5,55	9,54	12,16
Suco Laranja CC	NY	2,97	29,05	59,76
Soja grão	CHT	0,22	-0,39	-13,77
Milho	CHT	3,19	20,96	4,59
Trigo	CHT	1,98	21,24	15,84
Borracha SM20	Malasia	-1,89	40,56	61,21
Boi	BM&F	7,64	11,16	8,88
Boi - em reais	BM&F	4,81	6,64	0,46

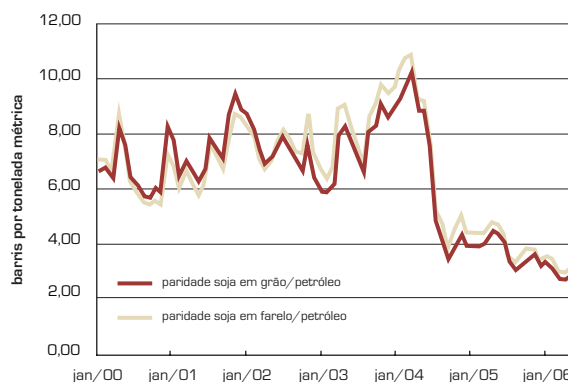
Fonte: IPEADATA e Banco Central

Paridade entre a soja (grãos e farelos) e os preços internacionais da soja e do petróleo



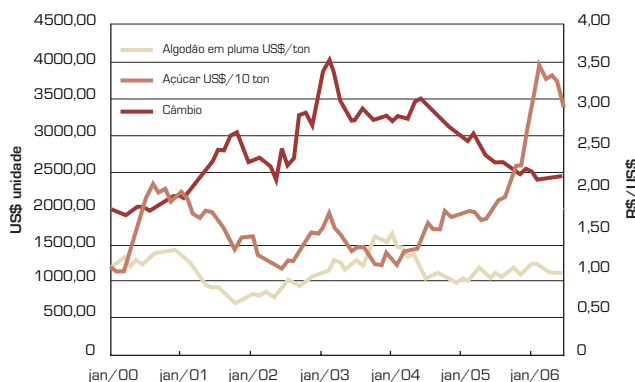
Fonte: IPEAdata e Bolsa de Chicago

Paridade entre a soja (grãos e farelos) e a taxa de câmbio



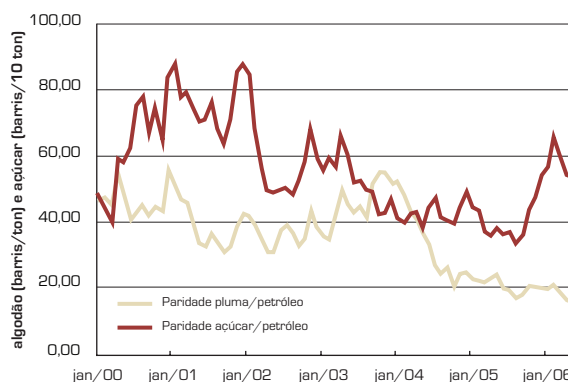
Fonte: Bolsa de Chicago de Banco Central

Preços do açúcar e do algodão em pluma e da taxa de câmbio



Fonte: New York Board of Trade (NYBOT) e Banco Central

Paridade do açúcar e algodão em pluma com o petróleo



Fonte: New York Board of Trade (NYBOT) e IPEAdata

Nacional, transformaram grande número de agropecuaristas em adimplentes e aptos a apostar no novo ciclo de expansão das lavouras de grãos e fibras.

O câmbio não é o único vilão da história. Há um elemento estrutural representado pela elevação dos preços do petróleo. Isso coloca no centro da crise a questão de custos com efeitos tecnológicos e locacionais relevantes. Por razões de competitividade ficam atrativas as plantações mais próximas dos portos e as opções ferroviárias e rodoviárias dentre os modos de transporte.

As pressões de custos em função dos aumentos dos preços do petróleo são generalizadas em todas as *commodities* produzidas pelas lavouras mecanizadas. Mais

uma vez, açúcar e álcool têm vantagens locais relevantes em função da distância até os portos.

O foco da crise não está apenas nas receitas reduzidas pela valorização cambial, mas nos custos de produção pela alta nos insumos derivados de petróleo, ainda que amortecida exatamente pela taxa de câmbio, sem o que adquiriria contornos mais dramáticos. Em termos de política macroeconômica, o problema deve ser solucionado pelo lado da taxa de juros, que inclusive terá algum efeito sobre a taxa de câmbio ao tornar menos atrativas entradas de capital especulativo.

Os modernos mecanismos de venda antecipada de safra e de emissão de derivativos agropecuários representados

pelos títulos financeiros poderão trazer dinheiro mais barato de capital para custeio numa situação de taxas de juros muito inferiores às atuais.

Mudanças no sistema tributário, como a adoção do imposto indireto sobre o valor adicionado com base no princípio do destino e não da origem, como acontece hoje, devem desonerar as exportações. Ao lado disso, repensar o padrão de cultivo insumo-intensivo, buscando outras opções tecnológicas, significa uma necessidade inexorável para a competitividade da agricultura brasileira. ■

* Pesquisador do Instituto de Economia Agrícola de São Paulo.

E-mail: sydy@iea.sp.gov.br